

Bloco de Notas

As crises turcas

Numa altura em que a Turquia está novamente mergulhada numa grave crise política e financeira, a revista francesa *Esprit* dedica-lhe, no seu número de Janeiro, um interessante *dossier*. Num dos textos, Hamit Bozarslan analisa a forma como as frequentes crises têm sido usadas como instrumento político na Turquia. Recordando seis grandes crises da década de 90 – umas relacionadas com a questão curda, outras com o crescente peso político dos islamistas, outras com a corrupção no seio do poder –, o autor interroga-se: “Quem beneficia com as crises?”. Bozarslan não defende que todas elas tenham sido necessariamente planeadas e fabricadas por alguém, mas, afirma, “ganham uma amplitude social explosiva pela forma como são usadas”. Quanto aos beneficiários, continua Borzarslan, “a resposta vê-se a olho nu: algumas destas crises reforçam o peso do Conselho Nacional de Segurança (CNS, controlado pelos militares) e consolidam a aliança deste com o *establishment* e com a *intelligentsia* kemalista (Kemal Ataturk é o pai da moderna República da Turquia). Outras permitem criar, mais uma vez em torno do CNS, um bloco nacionalista hegemónico”.



França e o “Angolagate”

No seu quarto número (o primeiro é de Novembro de 2000) a revista mensal do *Le Monde*, chamada *Le Monde 2*, reúne vários artigos publicados no diário sobre os escândalos da política francesa em África. Em “Os homens do Angolagate”, os autores traçam, com muitos pormenores, a história das relações entre o milionário franco-brasileiro Pierre-Joseph Falcone e o homem de negócios (com várias nacionalidades) Arcadi Gaydamak, e a forma como, através da venda de armas primeiro e depois com “investimentos” em todos os sectores estratégicos da economia angolana, os dois foram construindo um “Estado dentro do Estado” no país de José Eduardo dos Santos. Nomes incontornáveis desta história são também o filho do antigo Presidente francês François Mitterrand, Jean-Christophe Mitterrand, conselheiro para África junto do Eliseu de 1986 a 1992 e hoje a “vedeta mediática” de todo este escândalo. E ainda Elísio de Figueiredo, embaixador angolano em Paris de 1989 a 1992, e que no ano seguinte se mantinha na capital francesa, a pedido de Eduardo dos Santos, como uma espécie de “embaixador itinerante”, com funções paralelas à do embaixador oficial de Angola.



A “batalha da independência” na Palestina

Na capa do número do Inverno de 2001 da *Revue d'Études Palestiniennes*, três datas e um título: “1948, 1967, 2000 – A Batalha da Palestina”. Falando da *intifada* que explodiu em Setembro passado nos territórios palestinianos, o director Elias Sanbar afirma que este é um levantamento diferente de todos os que o precederam, porque pela primeira vez “o futuro dos palestinianos joga-se na sua terra e em condições adequadas”. Sanbar refere-se à “longa batalha pelo reconhecimento, que permitiu salvar os nomes ‘Palestina’ e ‘palestinianos’, que estavam condenados ao desaparecimento”. Chegou ao fim o mito de que esta era “uma vulgar história colonial” e de que os judeus tinham um direito de presença “exclusivo” sobre aquela terra, tal como chegou ao fim a história que “durante muito tempo prevaleceu sobre as verdadeiras circunstâncias do desaparecimento da Palestina em 1948 e da forma como o seu povo foi relegado para o território da ausência, da invisibilidade”. Por isso, hoje, escreve Sanbar, com “a quebra destes dois mitos”, “a batalha da Palestina” tornou-se verdadeiramente na “batalha da independência”.



Como intervir em África?



A forma como, até aqui, a comunidade internacional tem intervido nos conflitos africanos não funciona. A política de promover negociações, enviar forças de manutenção da paz para verificar a aplicação do acordo, e tentar reconstruir Estados desfeitos “tem sido um fracasso”, escreve Marina Ottaway, do Carnegie Endowment for International Peace, na *Harvard International Review* do Inverno de 2001. Como solução, ela propõe que passe a haver “intervensões selectivas” e, analisando a situação actual, defende que “neste momento existe apenas um conflito em África em relação ao qual a comunidade internacional deveria reforçar o seu empenhamento em cumprir os objectivos propostos: a Serra Leoa”. Uma retirada da Serra Leoa agora “destruiria para sempre a credibilidade das Nações Unidas em África”. Além disso, este é um caso no qual, pelas suas características, a ONU teria hipóteses de atingir os seus objectivos. Ottaway é clara: “Se isso não for possível na Serra Leoa, não vale a pena fingir que será possível em qualquer outro sítio”.